

Dr. Robert A. Peterson, A Obra Salvadora de Cristo, Sessão 5, Introdução, Parte 5, História da Doutrina e Cristologia

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre a obra salvadora de Cristo. Esta é a sessão 5, Introdução, Parte 5, História da Doutrina e Cristologia.

Bem-vindos, pois continuamos nossas palestras sobre a história da doutrina da expiação.

Pensamos sobre a igreja primitiva no Ocidente e dissemos que a visão do resgate a Satanás predominava. No Oriente, a deificação dominava, embora tanto no Oriente quanto no Ocidente, as figuras sejam mais complicadas do que isso. Falamos sobre Anselmo e Abelardo na Idade Média com visões muito diferentes e então Lutero e Calvino na Reforma.

Estamos prontos para respostas à Reforma e a primeira é Faustus Socinus, 1539-1604. Quero dar crédito à Teologia Sistemática de Anthony Thistleton e ao livro de H. Dermot McDonald sobre a expiação da morte de Cristo, sua forte seção histórica. Um protesto imediato e vigoroso contra a visão forense ou legal e punitiva, isto é, penal, da expiação tão fortemente declarada pelos reformadores veio na forma do volume De Jesu Christo Salvatore de Faustus Socinus, que é sobre Jesus Cristo, o Salvador.

A obra foi composta para responder a um pastor reformado, Covetus, e era apenas uma negação do que Calvino acreditava e Lutero, para esse assunto. Todo o esforço de Socinus era negar a divindade de Cristo e que, portanto, sua morte tinha qualquer valor expiatório. Caso você esteja se perguntando, sim, os socinianos e o socinianismo vêm de Laelius e Faustus Socinus, o tio e o sobrinho.

Os nomes foram latinizados, seus nomes italianos eram Laelio e Fausto Socini, mas ele será lembrado para sempre, lá vai, como Faustus Socinus. Sua visão do pecado era pelagiana, ou seja, Adão foi um mau exemplo para a raça humana, e é isso. Sua visão de Cristo era a de Arian, que negava a divindade de Cristo, então não é de se admirar que ele tenha uma visão defeituosa da expiação.

Mas essa visão continua até hoje porque o Socinianismo se uniu ao Unitarismo para formar a UU, a Igreja Unitarista Universalista. Se você quiser criticar suas visões, suas crenças e muitas outras crenças de culto, meu amigo Alan Gomes do Talbot Theological Seminary editou 14-15 volumes para a Zondervan sobre religiões e cultos mundiais, e o próprio Alan, que é um especialista, fez o volume sobre o Unitarismo

Universalista. Socinus desconsiderou a justiça completamente ao declarar a maneira como a ação salvadora de Cristo foi feita.

Se pudéssemos nos livrar dessa justiça, mesmo que não tenhamos outra prova, então essa ficção da satisfação de Cristo seria completamente exposta e desapareceria. Em sua rejeição crítica das declarações reformadas, a ideia de satisfação exclui a ideia de misericórdia em sua estimativa. No estilo pelagiano, Socinus declarou o pecado uma questão pessoal.

Não pode ser colocado na conta de outro. Não é verdade que o pecado de Adão é imputado à raça humana. Então, Socinus disse.

Paulo, é claro, pensa de outra forma em Romanos 5:12-19. Deus deixou sua justiça de lado, disse Socinus, para a plena demonstração de sua misericórdia. O fato da ressurreição prova que Cristo não sofreu vicariamente e que nenhum valor salvador está em sua morte.

Não é na cruz, veja só, mas no céu que ele faz a oblação. Isso é espantoso para mim. Lendo a Bíblia, certamente ninguém jamais teria a ideia de que Cristo fez expiação no inferno, como ensinam os professores aclamadores do nome da palavra da fé, ou que ele fez expiação no céu, como ensina o socinianismo.

Meu Deus. Os sofrimentos de Cristo eram disciplinares, não judiciais. Nada poderia ser mais absurdo do que essa ideia de satisfação.

A premissa da visão de Socinus é que tudo em Deus está sujeito à sua vontade. Não há, portanto, em Deus nenhuma justiça necessária, que absolutamente exija a punição do pecado. Citando Socinus, não há tal justiça em Deus que exija absolutamente e inexoravelmente que o pecado seja punido e tal que o próprio Deus não possa repudiar.

Assim como é com a justiça de Deus, assim é com sua misericórdia. Ambas estão sujeitas à sua vontade. Assim, ele tem o direito de punir ou perdoar de acordo com sua vontade.

Já que Deus quer perdoar, não há necessidade de satisfação de sua justiça. Em outras palavras, a cruz não é necessária para trazer perdão. O significado de Cristo, você pode estar se perguntando, é que ele assegura o perdão. Ele não o obtém.

Ele é o salvador de fato, pois nos anuncia o caminho da vida eterna. Cristo tira os pecados não fazendo expiação por eles na cruz, de acordo com Socinus, mas pelo fato de que ele é capaz de mover os homens por suas promessas mais amplas a exercerem aquela penitência pela qual seus pecados são apagados. Para Socinus, o

significado salvador de Cristo é conseqüentemente movido de sua morte para sua vida celestial.

Em última análise, portanto, Cristo é apenas o anunciador e o exemplo supremo do caminho da salvação das pessoas. Ele é o professor moral por excelência. Veremos mais tarde hoje, se Deus quiser, no primeiro dos três ofícios de Jesus, ele é o profeta por excelência, mas ele também é o sacerdote que faz expiação por nossos pecados em sua morte.

Por causa da visão falha de Socinus sobre a pessoa de Cristo, negando sua divindade, ele, portanto, necessariamente tem uma visão defeituosa da expiação porque somente Deus pode salvar. De acordo com Socinus, Deus não precisava de satisfação. Cristo não fez expiação.

Tudo o que precisamos é de uma nova ideia divina para nos iluminar, e é exatamente isso que Cristo traz. Eu não jogo a palavra herege livremente, tudo bem. Para mim, heresia não é simplesmente um erro.

Meu próprio gráfico de graus de erro começa com opiniões equivocadas, que todos nós temos, e até mesmo erros isolados, que todos nós temos. Mas então ele se move para erros sistêmicos. De acordo com o sistema de teologia conhecido como Teologia Reformada ou Calvinismo, nossos irmãos e irmãs arminianos, observe como falo deles, são culpados de erro sistêmico.

De acordo com o sistema de teologia conhecido como Arminianismo, seus irmãos e irmãs calvinistas são culpados de erro sistêmico. Ou seja, nesses dois sistemas de pensamento, doutrinas influenciam outras doutrinas. Então, há uma verdade ou erro sistêmico acontecendo, dependendo da perspectiva de cada um.

Então, opiniões equivocadas, erros, erros sistêmicos, e uma grande fenda, e então heresia. Porque heresia não é meramente um erro sistêmico, heresia é uma doutrina condenatória.

É acreditar em erros que afasta alguém da graça e da salvação. Você diz, mas mesmo negar a divindade de Cristo, o que é uma coisa terrível, não muda quem Jesus é. Não, não muda quem Jesus é.

Ele ainda é o Deus-homem que fez expiação pelo pecado e ressuscitou no terceiro dia, quer Socinus ou qualquer outra pessoa diga isso ou não. Mas não posso crer nele corretamente para o perdão dos pecados e a vida eterna se não me relacionar com ele, não apenas como uma criatura para meu criador, mas como um pecador para meu Deus. Ou seja, crer em Cristo para a salvação envolve crer que ele é capaz de perdoar meus pecados e me dar a vida eterna.

E isso significa, pelo menos implicitamente, reconhecer sua divindade. Um reconhecimento explícito de sua divindade não é melhor? Sim, mas é uma negação explícita de sua divindade que corta alguém da graça. Uma pessoa pode não saber nada, e eu costumava usar os confins do globo para alguém que não sabe nada, mas agora pode ser nos bons e velhos EUA, alguém que não sabe nada de Deus ou da Bíblia.

E se eles aprenderem que são pecadores necessitados da graça de Deus, que Jesus morreu e ressuscitou para salvar pecadores, e se eles confiarem somente em Cristo para torná-los justos com Deus, eles podem conhecer Deus e ser perdoados. O que estou tentando dizer é que há um reconhecimento implícito da divindade de Jesus em que estou confiando nele como capaz de me perdoar. Talvez essa pessoa mais tarde aprenda explicitamente que o Filho de Deus existia antes da encarnação, que ele se tornou um de nós em sua encarnação, e que ele é Deus e homem em uma pessoa.

Mas, eu vou dizer de novo: uma negação total de sua divindade corta alguém da graça. Esta é a heresia ou erro condenatório dos cultos. Uma pessoa poderia estar em um culto e ser um crente? A resposta é sim, se eles acreditam em algo contrário aos ensinamentos do culto e confiam em Cristo apesar desse falso ensinamento.

Nosso próximo teólogo histórico pós-reforma digno de nota é Hugo Grotius. Também é pronunciado corretamente Grotius, de onde obtemos a visão governamental da expiação, ou usando seu nome, a visão Grotiana da expiação. E lembre-me de contar uma história engraçada quando esta acabar.

Ele não é um herege, ele não é um herege, mas cometeu alguns erros significativos. Ele era um homem muito brilhante. Grotius ocupou uma posição imediata entre os defensores da doutrina reformada; Lutero e Calvino são ambos reformacionais dessa forma e as visões, as visões falhas de Sosinus .

Ele começa, Grotius começa sustentando a alegação básica da reforma de que a satisfação era necessária para que Deus exercesse misericórdia com justiça. Grotius declara sua intenção de refutar Socinus. No entanto, Grotius aceita com Socinus que a justiça não é uma necessidade inerente da natureza divina.

Citação, não é algo interior em Deus ou na vontade e natureza divinas, mas apenas o efeito de sua vontade. Isso é um erro. Deus é santo, justo, fiel, verdadeiro, onipresente, onipotente, e assim por diante.

Ele é justo, ele é santo. Deus de fato declarou a lei, mas ele ainda está acima dela e tem, portanto, o direito sobre ela. Isso não é um desrespeito total à lei como em Socinus.

Esta é uma manipulação da lei, uma redução das exigências da lei. Consequentemente, Grotius vê Deus na questão da salvação, não como um juiz, mas sim como um governante, daí o nome teoria governamental, porque a morte de Cristo no final, para Grotius, é do melhor interesse do governo moral de Deus. É complicado, e ele usa a linguagem bíblica a tal ponto que muitas pessoas seriam enganadas lendo seus escritos densos em primeiro lugar.

Esse relacionamento com Deus, de Deus com os seres humanos, como governador sobre os governados, ocasionou o título, como eu disse, a visão governamental da expiação. Deus não é o juiz que pune Cristo com a punição que os pecadores merecem. Ele é, antes, o governante que pode revogar ou alterar sua lei.

Ele não a ab-roga, mas altera a lei pelas razões louváveis de sua própria glória e da salvação do povo. Deus, portanto, relaxou a lei. Ele a suavizou, citando Grotius, todas as leis positivas são relaxáveis .

No contexto dessa relação de lei relaxada, Grotius desenvolve sua visão de punição. A punição de Cristo foi necessária no interesse do governo de Deus. Citação, deve-se observar que é essencial à punição que ela seja infligida pelo pecado, mas geralmente não é essencial que seja infligida ao próprio pecador.

Grotius então apresenta a obra de Cristo como um sacrifício de satisfação às necessidades da lei relaxada. É difícil para nós até mesmo seguir isso, não é? É. Ele aceita a crítica de Socinius à doutrina penal dos sofrimentos de Cristo como um equivalente exato para a penalidade divina do pecado.

Entretanto, uma vez que a lei foi relaxada ou atenuada, a ideia de que a punição não precisa corresponder exatamente à transgressão segue. O governo de Deus não pode ser mantido a menos que haja reverência pela lei. A morte de Cristo é, consequentemente, uma exibição de sinal dessa consideração pela lei e da culpa hedionda de tê-la quebrado.

Não há, Grotius escreveu, nada de injusto nisso, que Deus, cuja é a mais alta autoridade em todos os assuntos para usar o desejado, ele é a mais alta, desculpe-me, autoridade em todos os assuntos, não em si injusta, e ele próprio não está sujeito a nenhuma lei, quis usar os sofrimentos e a morte de Cristo para estabelecer um exemplo de peso contra a imensa culpa de todos nós com quem Cristo estava mais intimamente aliado por natureza, por soberania, por segurança, entre aspas. Cristo, no entanto, não suportou a penalidade exata pelos pecados, mas veja bem, entre aspas, o substituto para uma penalidade. Os sofrimentos e a morte de Cristo atenderam aos requisitos da lei de Deus, pois Deus os havia relaxado para o bem dos seres humanos.

Isto não é substituição penal. Isto é, ironicamente, um substituto para substituição penal. Jesus se torna, em vez disso, um exemplo penal.

Deus não é o juiz que puniu seu filho com o julgamento que os pecadores merecem. Deus é o governador moral que puniu o filho como um exemplo da punição que o pecado merece. Não é uma heresia, mas não é uma clara, é uma clara evasão da substituição penal na linguagem da substituição penal.

Vou lhe contar uma história engraçada. O homem que me ensinou teologia sistemática treinou muitos homens nos anos anteriores para a Igreja Presbiteriana Bíblica. Um jovem e graduado sob esse maravilhoso professor chamado Robert J. Dunzweiler veio diante de seu presbitério para ordenação, e em seu exame de teologia, ele fez um trabalho esplêndido com uma exceção.

Ele apresentou a visão grotiana ou governamental da expiação. Ele pontuou seus Is governamentais e cruzou seus Ts governamentais, e o comitê disse, rapaz, seu exame é bom, exceto em um particular. Você apresentou uma visão defeituosa da expiação, e o rapaz ficou surpreso.

Ele disse, quem é seu professor? Robert Dunzweiler . Oh, ele é um homem maravilhoso de Deus. Ele treinou muitos de nós.

Não consigo entender. Está ali nas anotações dele. Posso imaginá-lo na minha mente no topo de uma página.

Bem, rapaz, vamos fazer uma pausa para o almoço. Você volta depois do almoço e nos mostra essas notas, e foi o que ele fez, e ele estava absolutamente certo. No topo da página, dizia a visão governamental da expiação, e no final da página anterior, dizia visões falsas da expiação.

Essa é uma história verdadeira. Passamos para o período mais moderno com o pai da teologia moderna ainda perseguindo a história da doutrina da expiação. Obrigado pela sua perseverança, vocês santos que estão ouvindo isso e assistindo.

Friedrich Schleiermacher foi chamado de pai da teologia moderna. Outro homem brilhante. Suas datas são 1768 a 1834.

Como no caso de muitos teólogos liberais, ele aceitou uma visão ortodoxa da expiação em sua juventude como pietista. Mais tarde, ele combinou uma interpretação liberal da fé ortodoxa com uma apreciação de Kant e do Romantismo. Ele tentou manter unida a pessoa e a obra de Cristo.

Ele escreveu, citando que a atividade peculiar e exclusiva do Redentor implica uma à outra, e somos inseparavelmente um na autoconsciência dos crentes. Essa é uma

dica de sua noção de enfatizar o sentimento na religião, e de fato, a consciência dos crentes se torna seu cânone quase dentro do cânone da Bíblia. Schleiermacher escreveu, citando, o Redentor então é como todos os homens em virtude da identidade da natureza humana, mas se distingue de todos eles pela potência constante de sua consciência de Deus, que era uma verdadeira existência de Deus nele.

Esta é a chave de Schleiermacher, a consciência de Deus dentro dos crentes. Em geral, Schleiermacher rejeitou noções de substituição e expiação e manteve uma visão exemplarista ou de influência moral da expiação, seguindo aproximadamente Abelardo. O sofrimento de Cristo por Schleiermacher foi, entre aspas, um amor absolutamente abnegado.

Outro teólogo liberal e mais recente é Albrecht Ritschl, RITSCHL, 1822 a 1889. Ritschl tem sido tradicionalmente considerado um teólogo liberal típico do século XIX. Novamente, um homem talentoso e muito influente.

Ritschl leva em conta o material bíblico mais de perto do que Schleiermacher, mas no final, ele tende a oferecer um relato da expiação que talvez tenha mais em comum com Abelardo do que com Anselmo, ou seja, que é mais subjetivo do que objetivo, e eu revisarei esses conceitos. Uma visão objetiva da expiação diz que Cristo realizou algo, coisas fora de nós, e precisamos acreditar nele e no que ele fez para sermos salvos. Uma visão subjetiva da expiação diz que o que ele fez, ele agiu para nos mover para dentro, então sua influência é a de um exemplo moral ou uma influência moral.

Verdadeiramente, nossa visão da expiação deve começar fora de nós com uma compreensão objetiva, mas certamente deve se mover em direção a uma compreensão interna se quisermos ser salvos, mas o mais importante é o externo, e é com isso que começamos com a visão objetiva. Então nos movemos em direção ao subjetivo confiando pessoalmente em Cristo como Senhor e Salvador, confiando naquele que morreu e ressuscitou para nos salvar. O ritual busca enfatizar a inter-relação da pessoa e da obra de Cristo, vendo o estabelecimento do reino de Deus principalmente em termos éticos, mas principalmente por meio de sua obra como profeta, sacerdote e rei.

Esta tríplice vocação acarreta seus sofrimentos, mas Cristo não é, segundo o ritual, o portador de punição vicária. Ele representa como um sacerdote a comunidade do reino, e como profeta e rei, ele transmite o amor exemplar de Deus. Estou tentando lembrar de um hino, e ele vem e vai na minha mente.

Ah, quando eu contemplo a cruz maravilhosa. Usamos este hino proveitosamente porque trazemos ao hino uma compreensão objetiva da obra de Cristo, mas o hino é amplamente subjetivo. Observe o que quero dizer.

Quando contemplo a cruz maravilhosa na qual o príncipe da glória morreu, meu ganho mais rico eu conto apenas como perda e pobre desprezo por todo o meu orgulho. Isso é bom? Sim, mas pressupõe que, fora de mim, Jesus me amou e se entregou por mim. Entendeu? O que isso está fazendo é uma meditação.

É uma meditação subjetiva assumindo uma cruz e ressurreição objetivas. Proíba, Senhor, que eu me glorie, a não ser na morte de Cristo, meu Deus. Todas as coisas vãs que mais me encantam, eu as sacrifico ao seu sangue.

Veja de sua cabeça, suas mãos, seus pés, tristeza e amor fluem misturados para baixo. Alguma vez tanto amor e tristeza se encontraram, ou espinhos compuseram uma coroa tão rica? Todo aquele reino da natureza era meu, que era um presente muito pequeno? Amor tão incrível, tão divino, exige minha alma, minha vida, meu tudo. É um hino subjetivo e lindo porque o povo de Deus traz a ele o conhecimento de que Jesus morreu e ressuscitou fora de nós.

Então, precisamos de tais hinos? Sim, precisamos. Precisamos que a expiação acabe nos afetando subjetivamente, mas isso é diferente de visões puramente ou principalmente subjetivas da expiação que o liberalismo apresenta porque Jesus não é realmente um salvador, mas um exemplo. E eu direi isso de novo também.

O Novo Testamento apresenta Jesus como um exemplo, mas Martinho Lutero disse bem. Jesus é nosso exemplo, ele escreveu, mas não em primeiro lugar. Em primeiro lugar, ele é o presente de Deus, que ele nos deu.

E então, em segundo lugar, ele é nosso exemplo, nosso exemplo que devemos seguir. Uma vez que cremos nele como um presente de Deus e o recebemos como Senhor e Salvador, então sim, seguimos seu exemplo para viver para ele, mas não seguimos seu exemplo para nos tornarmos cristãos. Cremos para nos tornarmos cristãos porque a fé vem por ouvir e ouvir a palavra sobre Cristo.

Gustaf Aulen, mencionei-o diversas vezes e seu famoso livro *Christus Victor*. 1879, Aulen viveu até 1977. Este notável teólogo sueco escreveu a obra clássica *Christus Victor*.

Essa palavra clássica é usada por aí, mas *Christus Victor*, o livro, é de fato um clássico teológico. Ele o subintitulou, *Um Estudo Histórico dos Três Principais Tipos da Ideia da Expição*. Um estudo histórico, então não é uma obra bíblica, é uma obra de teologia histórica, dos três principais tipos da ideia da expiação.

Ele queria se afastar do debate desgastado da visão objetiva ou conservadora versus a visão subjetiva ou liberal, introduzindo uma terceira abordagem que a considerava, a expiação de Cristo, como a vitória de Cristo sobre as forças do mal, ou a expiação,

citando Aulen , como um conflito e vitória divinos. Aulen chamou isso de visão clássica e dramática do Novo Testamento e dos pais da igreja. Ele está certo? Em parte, ele está certo.

Aulen apelou especialmente a Irineu. Ele havia declarado que Cristo veio, entre aspas, para destruir o pecado, vencer a morte e dar vida aos homens. Irineu é contra heresias.

Aulen não considerou a questão principal como qualquer violação da justiça, isto é, substituição penal, mas na cruz para, entre aspas, superar tiranos que mantêm o homem em cativeiro. Aulen apelou para a maioria dos pais, incluindo Orígenes, Atanásio, os Capadócijs, Crisóstomo, Ambrósio, Agostinho e Leão, ele também apelou para todas as passagens do Novo Testamento que mencionam resgate ou poder maligno. Por exemplo, Marcos 10.45, o famoso ditado de resgate, 1 Coríntios 2 :6, Colossenses 2:15. Seu argumento mais controverso é que Lutero retorna ao tipo clássico.

Bem, Lutero ensinou Christus Victor. Aí está de novo. Este livro é tão influente que o nome deste livro se tornou um termo técnico na teologia cristã, usado por todos.

É chamada de visão Christus Victor da expiação, e está certa, e ele estava certo. Além disso, os liberais, com suas visões subjetivas, não enfatizaram isso. Os conservadores, com sua substituição penal objetiva, não enfatizaram isso, mas ele está errado em fazer disso a única visão de Lutero.

Não. Como eu disse ontem, Paul Outhouse, em seu livro impressionante, *The Theology of Martin Luther*, diz que Lutero tinha duas visões principais igualmente, substituição penal e Christus Victor, e isso é verdade. Estando na tradição luterana, por algum motivo, Aulen ignorou totalmente Calvino, e é verdade que predominante em Calvino era a visão da substituição penal, mas Calvino ensinou Christus Victor.

Na verdade, foi assim que aprendi. Calvino me apontou para a Bíblia, e você verá mais tarde, quando chegarmos às imagens da expiação, Christus Victor está em todo lugar. Eu já disse que estava na primeira menção da redenção em Gênesis 3.15. Então, Aulen revive corretamente um tema bíblico, e por isso estamos felizes.

Ele exagera incorretamente e simplifica demais os Pais, Lutero e a Bíblia. Não posso acreditar. Ele diz corretamente que Hebreus 2:15 ensina a visão de Christus Victor sobre a expiação.

O filho tomou para si carne e sangue para que, por meio da morte, pudesse destruir o diabo e redimir o povo de Deus. Destruir aquele que detém o poder da morte e libertar os cristãos. Isso é verdade, mas então dizer que a visão principal da expiação dos hebreus é Christus Victor é absurdo.

A visão principal de Hebreus sobre a expiação de Cristo é o sacrifício. É o principal lugar em toda a Bíblia para aprender sobre sacrifício, especialmente contra o pano de fundo do Antigo Testamento de sacrifício, que, talvez em parte por causa de sua herança luterana e uma minimização do Antigo Testamento, Aulen ignora o Antigo Testamento. Então, uma obra útil? Ah, sim.

E ele nos ensinou alguma coisa? Ah, sim. Christus Victor é tão importante para encorajar pessoas, incluindo crentes, que são viciadas em várias coisas. Cristo é nosso campeão que venceu.

Ele é Deus e homem em uma pessoa que liberta seu povo. É um tema maravilhoso para o evangelho e para a vida cristã. Mais adiante, direi que acredito fortemente na substituição penal, mas não é a única visão bíblica da obra de Cristo.

E Deus nos deu seis grandes imagens. Precisamos nos familiarizar com elas e usá-las então como ferramentas para evangelismo e discipulado de acordo com as necessidades das pessoas a quem ministramos. Então, elogios a Aulen, mas ainda assim críticas ao homem e seu bom trabalho ao mesmo tempo.

Mais um é o teólogo contemporâneo Wolfhart Pannenberg, de 1928 a 2014. Estou contando com a crítica de Tony Thistleton. Pannenberg entrelaça corretamente a pessoa e a obra de Cristo, às quais ele dedica três capítulos extensos ou quase 200 páginas no segundo volume de sua teologia sistemática.

Ele começa com o ponto de partida, citação, somente o próprio Deus poderia estar por trás deste evento. Isto é, enviando seu filho ao mundo. Gálatas 4:4, Romanos 8:3. Mas Pannenberg não restringe seu tratamento da expiação apenas ao volume um, volume dois de sua teologia sistemática.

Ele fornece uma discussão extensa em seu livro anterior, Jesus, God, and man. Na cruz, ele declara que Jesus morreu uma morte vicária, citação, só poderia ser entendida como morrer por nós, por nossos pecados. A natureza substitutiva de sua morte é vista não apenas em Marcos 10:45, Jesus deu sua vida como resgate por muitos, mas também em 2 Coríntios 5:21, para que nele pudéssemos nos tornar justiça de Deus.

Gálatas 3:13, Cristo nos redimiou da maldição da lei, tornando-se maldição por nós. Pannenberg, como seu mentor, Barth, dedicou muito esforço e energia à exegese bíblica. Jesus Cristo, escreveu Pannenberg, citação, é o novo homem, o Adão escatológico, citação próxima.

Mas Cristo também é a auto-revelação de Deus, vista completamente à luz de, e eu poderia acrescentar, somente à luz de, sua ressurreição. Sua morte foi uma expiação

pelos pecados humanos, que remove, entre aspas, a ofensa, a culpa e as consequências, entre aspas, do pecado. Citando-o uma última vez, o inocente sofreu a pena de morte.

Este sofrimento penal vicário, o sofrimento vicário da ira de Deus pelo pecado, repousa na comunhão que Jesus Cristo aceitou com todos nós como pecadores, e com nosso destino como tal. Então, há muito de bom em Pannenberg, e ainda assim sou advertido por Robert Lethem, o teólogo da reforma evangélica, que escreveu uma teologia sistemática muito recente e muito útil, e que entrou nas mentes de Moltmann e Pannenberg para nomear os dois mais importantes influentes, talvez, certamente alemães, e talvez totalmente influentes de todos os teólogos vivos hoje, embora agora Pannenberg tenha falecido. Robert Lethem nos adverte que, Pannenberg realmente confessou a ressurreição de Jesus? A resposta é sim, e isso é notável para um teólogo mais tradicional, e ainda assim tudo está tão ligado ao futuro que você tem a ideia de que, essas coisas são verdadeiras e aconteceram? Sim, mas elas só serão verdadeiras no futuro.

Não quero dizer que seja finalmente realizado no futuro. Então, novamente, como eu disse ontem em uma palestra anterior com referência ao bom ensino de Emil Brunner, sua epistemologia é distorcida, e isso levanta problemas para nós. É assim, também é verdade com Pannenberg, mais com Moltmann, mas com Pannenberg também, que há muita coisa boa, mas temos que ser cuidadosos ao mesmo tempo.

Finalmente terminamos a história da doutrina da expiação. Passamos agora para um estudo de Cristologia. Como várias figuras históricas enfatizaram, a pessoa e a obra de Cristo são inseparáveis, e assim, embora este curso seja amplamente sobre a obra de Cristo, não podemos ignorar sua pessoa. não apenas isso, devemos deliberadamente pensar sobre sua pessoa um pouco, pelo menos como preparação.

Isso ainda está funcionando com a introdução. O último ponto, na verdade, na introdução antes de chegarmos à obra salvadora de Cristo em si. Cristologia.

Tenho três coisas a dizer. A pessoa e a obra de Cristo são inseparáveis. Quero pensar sobre a obra salvadora de Cristo e a Trindade e então a importante doutrina dos dois estados.

Primeiro de tudo, a pessoa e a obra de Cristo são inseparáveis. As passagens clássicas do Novo Testamento ensinam tanto a pessoa quanto a obra de Cristo. Filipenses 2, por exemplo.

É difícil ser mais clássico do que isso. Filipenses 2 nos diz, a respeito da obra salvadora de Cristo, que ele se humilhou tornando-se obediente até a morte, até a morte de cruz, até a morte de cruz. Essa é a obra de Cristo, e ainda assim, observe como a passagem começa.

Tende entre vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, embora existisse em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo a que devia apegar-se, mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens. E então diz, a transição, e sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte de cruz. A pessoa e a obra de Cristo são inseparáveis no plano de Deus e na revelação do plano de Deus na história.

É somente porque Cristo é quem ele é que ele pôde realizar sua obra salvadora, e o próprio propósito de sua vinda e revelação de sua identidade é para o bem de sua missão, sua cruz e ressurreição. É o mesmo em cada passagem clássica. Em Colossenses 1, lemos sobre a grande obra de reconciliação de Cristo.

Por meio dele, Deus se agradou, Colossenses 1:20, de reconciliar consigo mesmo todas as coisas. E vocês, crentes colossenses, ele agora reconciliou em seu corpo de carne por sua morte, conforme a passagem continua. Mas antes de falar sobre sua obra, Paulo fala dos requisitos e pré-requisitos para sua obra.

Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito, o mais alto, o preeminente de toda a criação, o herdeiro. E antes de dizer, aprouve a Deus por meio dele reconciliar todas as coisas, diz, pois nele toda a plenitude de Deus se agradou de habitar, e por meio dele reconciliar todas as coisas. Os apóstolos não podem falar da obra de Cristo sem falar de sua identidade.

E é o mesmo para Hebreus capítulo 1, uma terceira passagem clássica. Hebreus 1 e 2 falam do Filho, que é o, 1 e 3, então, o resplendor da glória de Deus. E eu já ouvi pessoas dizendo que o Novo Testamento nunca usa a palavra natureza para falar de Cristo.

Isso está errado. O Filho é o esplendor da glória de Deus, e a exata impressão de sua natureza é a palavra hipóstase. Ela significa natureza, ser essencial, essência.

Significa natureza. Então, depois de dizer essas coisas sobre sua pessoa, diz que ele fez purificação pelos pecados, antecipando a grande expiação nos capítulos 9 e 10 do livro de Hebreus. É tão claro: a pessoa e a obra de Cristo são inseparáveis.

Uma visão ortodoxa da pessoa de Cristo é essencial para uma compreensão ortodoxa de sua expiação, e o corolário, uma compreensão defeituosa de sua pessoa necessariamente leva a uma visão defeituosa de sua obra salvadora. E é por isso que os cultistas estão batendo em portas ou realizando outras boas obras para tentar se salvar. Eles acabam em um programa de autosoterismo, trabalhando pela salvação de alguém, porque negam a divindade de Jesus e, portanto, são incapazes de se lançar sobre ele e somente ele para a salvação.

Eles devem contribuir para sua salvação, então eles pensam por si mesmos. Este ponto lança uma sombra sobre a disciplina à qual dediquei minha vida porque a teologia sistemática, embora tenha muitos pontos fortes, também tem muitas fraquezas. Há uma artificialidade sobre a sistemática.

Oh, os pontos fortes e fracos estão ligados. Como eu posso possivelmente, possivelmente, aí está a palavra, como eu posso possivelmente manter unidas todas as verdades da pessoa de Cristo, e então todos os seus feitos salvadores, e todas as imagens bíblicas? Eu estou apenas, minha mente seria uma confusão. Então, nós separamos sua pessoa, e estudamos sua pré-existência, encarnação, sua divindade, sua humanidade, sua unipersonalidade, seus dois estados, e assim por diante.

E com esse entendimento, então estudamos sua obra, o que ele fez, tornou-se um de nós, viveu uma vida sem pecado, morreu em nosso lugar, ressuscitou, ascendeu ao Pai, sentou-se à sua direita, derramou o Espírito Santo, intercedeu por nós, e ele virá novamente. Tudo isso é sua obra salvadora, e tudo isso é sua pessoa. Então, a teologia sistemática separa corretamente o que Deus uniu para melhor entender as partes.

Mas é artificial. Se ficarmos lá, não é bom. Precisamos juntar as coisas de volta, para não destruímos o que o Senhor juntou permanentemente.

Isso não está certo. Então a sistemática é uma ferramenta útil, especialmente se seguirmos os métodos teológicos adequados, isto é, começando com a exegese, indo para a teologia bíblica, incorporando a teologia histórica e, então, alcançando a sistemática cautelosamente, cuidadosamente, exegeticamente e tentativamente. A pessoa e a obra de Cristo são inseparáveis nas escrituras, e devem ser inseparáveis em nosso pensamento também.

Então, como isso influenciará nosso estudo dos eventos e das imagens que tratam da obra salvadora de Cristo? Sempre manteremos um olho aberto para sua pessoa. Não é difícil. As passagens estão cheias de ambos.

Mas é um bom lembrete, como já nos disse Santo Anselmo, de que precisamos entender quem é Jesus para apreciar o que ele fez por nós. Um aspecto importante disso. É uma coisa estranha de se pensar.

Uma religião cuja peça central é a morte de seu fundador. Deixe-me ver se entendi. A crucificação de um judeu é o que está deixando vocês todos animados? Sim.

Claro, estou sendo muito simples ao falar assim. Mas é verdade. A morte do Senhor Jesus Cristo, inseparável de sua ressurreição, não posso deixar de dizer, sendo um sistemático, está em meu sangue.

Esse é o centro. O quê? Isso não é vitória. Isso é derrota. Então, parece.

E há um grande mistério na cruz. Quando eu terminar de falar sobre isso por 20 horas esta semana, você entenderá muito melhor. Mas não se deixe enganar.

Você não sondará as profundezas, e não entenderá totalmente. Porque aqui está o problema. É realmente misterioso como a morte do Deus-homem pôde fazer expiação pelos pecados de todo o povo de Deus de todas as eras.

Traga a uma parada brusca milhões de sacrifícios do Antigo Testamento. Um sacrifício para todos os tempos salva todo aquele que crer para sempre. Eu sei que são dois sempre, mas isso foi para dar ênfase.

Como poderia ser? A maneira como eu digo é, o mistério da encarnação empresta seu mistério à cruz. Você me explica a identidade do Deus-homem completamente. Você explica isso completamente, e eu explicarei a cruz completamente para você.

Você não pode fazer nenhuma das duas coisas. É um grande mistério que Deus se torne um de nós. O bebê na manjedoura é Deus todo-poderoso.

Ele é o bebê no ventre de Maria, é o Deus-embrião. O bebê é o Deus-infantil, o Deus-criança, o Deus-menino, e o próximo apenas sacode minha gaiola, o Deus-adolescente. Senhor, ajude-nos.

Só estou tentando ser engraçado. E eu já fui adolescente, acredite ou não, há uns 200 anos, meus netos dizem. Não, ele é o Deus-homem que nos amou e se entregou por nós.

Há o mistério na encarnação. Os dois grandes mistérios da fé cristã são como Deus é três em um e como Deus se tornou homem. Ambos são essenciais.

Ambos são revelados na Bíblia. É daí que vêm os verdadeiros mistérios, a própria auto-revelação de Deus. E, no entanto, não podemos entender completamente como ele é Deus e homem em uma pessoa.

Oh, nós confessamos, nós cremos, nós fazemos certas explicações, e nós excluimos erros. É isso que fazemos. E é o mesmo com a cruz.

Nós traçamos os nove eventos, enfatizando a morte e ressurreição de Cristo. Trabalhamos com as imagens bíblicas, as seis grandes, e excluimos erros. Muito disso fizemos quando fizemos nossa pesquisa de teologia histórica.

Mas no final, Santo Agostinho disse bem, nós entendemos até um lugar, e então nós adoramos. No meu próprio entendimento limitado, isso é evidência da verdade desta religião. Nenhum ser humano inventou a doutrina da Trindade.

Foi uma das duas coisas que o Senhor usou para me trazer a si mesmo quando eu tinha 21 anos. A outra foi a honestidade de Deus, a candura de Deus, em 1 Coríntios 15, dizendo, o que seria obtido se Cristo não tivesse ressuscitado dos mortos? Eu disse, isso é incrível. Isso é maravilhoso.

E, claro, então o próximo versículo, no versículo 20, diz, mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, as primícias dos que creem. De qualquer forma, a cristologia é essencial para uma doutrina da expiação. Número um, a pessoa e a obra de Cristo são inseparáveis.

Número dois, a obra salvadora de Cristo deve ser entendida à luz da Trindade. Aqui estamos juntando dois mistérios. Uh-oh.

A Trindade e a Encarnação se beijam neste ponto. A doutrina da Trindade, para ser bem simples, diz que há um Deus. Deus sempre existiu como um Deus.

Vemos isso em Deuteronômio 6.4. Vemos isso em Tiago capítulo 2, 1 Timóteo 2.5. Há um Deus. A segunda declaração na doutrina da Trindade é que esse Deus único existiu eternamente em três modos de ser, de três maneiras, em três pessoas como Pai, Filho e Espírito Santo. Não três deuses, um Deus, existindo eternamente em três pessoas.

Número três, a terceira declaração é que esses três nunca devem ser separados porque há um Deus. Mas eles devem ser distinguidos. Certo? Número quatro, que realmente não vamos lidar, é que, bem, a Escritura trata esses três juntos em unidade e igualdade.

Um quinto ponto seria que eles habitam mutuamente um no outro, e agora estamos muito além de nossas profundezas no que precisamos pensar. Quero me deter neste ponto. As três pessoas são distintas, mas nunca separadas.

O Pai não se encarnou. O Espírito Santo não se encarnou. Somente o Filho se encarnou.

Você está comigo? Então, portanto, o Pai não morreu. Na verdade, esse era um falso ensinamento da igreja primitiva chamado patrapacionismo . Patrapacionismo , o Pai que alguns ensinavam que o Pai morreu na cruz.

Não, o Pai não morreu na cruz. E o Espírito Santo não poderia morrer na cruz porque Ele é um espírito. Somente o Filho se tornou encarnado.

Então, somente o Filho poderia fazer expiação e ressuscitar. Nós distinguimos as pessoas. Mas aqui vem o problema.

E aqui vem o mistério da Trindade brilhando na obra de Cristo. Nós distinguimos as pessoas, certo? No batismo de Jesus, Jesus saiu da água. O Pai fala do céu.

E aqui está uma visível, uma teofania, uma manifestação visível do espírito invisível na forma de uma pomba. Três pessoas, um Deus. Distinguíveis, mas inseparáveis.

Isso significa que, embora a obra de Cristo tenha sido realizada apenas pelo próprio Cristo, há um senso de que é a obra da Trindade. Agora, vou apontar algumas passagens bíblicas que ensinam que é a obra do Pai e do Espírito. Mas, como teólogo sistemático, compartilharei com vocês meu próprio entendimento de como as coisas funcionam e do método sistemático.

Se eu não tivesse passagem, ok, número um eu diria, não tenho passagem, tudo bem? Esse é um ponto importante para mim. A teologia deve ser baseada na exegese. E ela pode fazer movimentos além da exegese, mas eles devem ser rotulados cuidadosamente como tais movimentos porque são mais facilmente corrigidos ou alteráveis, e eles devem ser considerados assim, como uma espécie de segunda ordem, se você preferir, do que o ensino realmente baseado nas próprias palavras da Escritura.

Comigo? Mas eu tenho as Escrituras. Então, se eu não tivesse as Escrituras, eu diria, a Bíblia nunca diz que o Pai ou o Espírito estavam envolvidos na expiação. Ela diz apenas o Filho .

Claro, diz apenas que o Filho morreu. Não só isso, mas também não diz que eles estavam envolvidos. Mas, como as pessoas da Trindade são inseparáveis, elas estavam envolvidas.

E há uma sensação de que a obra da expiação foi a obra da Trindade, ok? Mas deixe-me mostrar a você que, de fato, a obra de Cristo é a obra da Trindade. A obra de Cristo é a obra de Deus Pai. Agora, não me entenda mal.

Não estou confundindo as pessoas. Não estou colocando o Pai na cruz. Aquele na cruz era o Filho .

E a obra na cruz foi obra do Filho . Mas também é obra do Pai . 2 Coríntios 5:18 e 19.

Tudo isso vem de Deus, que, por meio de Cristo, nos reconciliou com Deus e nos deu o ministério da reconciliação. Ou seja, em Cristo, Deus estava reconciliando consigo o

mundo, não imputando aos homens as suas transgressões e confiando a nós a mensagem da reconciliação. Somente Jesus fez a reconciliação na cruz.

Só que ele é chamado Efésios 2, o pacificador que morre para reconciliar Deus conosco, e por uma ação reflexa, nós com Deus, ok? Mas sua obra reconciliadora também é obra do Pai . Não estamos colocando o Pai na cruz. Estamos simplesmente dizendo as pessoas da Trindade; já que há um Deus, essas pessoas são inseparáveis.

A obra única de reconciliação de Cristo também consiste nisto: Deus estava em Cristo, reconciliando o mundo consigo mesmo. Não apenas isso, mas Hebreus 9:13, 14 traz um espírito para esta obra expiatória. E o espírito nunca se tornou encarnado.

O espírito não pode morrer. E a obra de Cristo é a obra de Cristo. Mas aqui está como o escritor aos Hebreus coloca.

Hebreus 9:13 e 14. Pois se o sangue de bodes e touros e a aspersão das cinzas de uma novilha sobre os contaminados os santificam, para a purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, não do Pai ou do Espírito, eles não têm sangue, certo? O sangue de Cristo, a morte violenta de Cristo, quanto mais o sangue de Cristo que através do Espírito eterno se ofereceu sem mácula a Deus, quanto mais seu sangue purificará nossa consciência das obras mortas para servir ao Deus vivo? Somente Cristo foi um sacerdote e sacrifício, e ele se ofereceu a Deus; ele se ofereceu sem mácula a Deus através do espírito eterno. Eu conheço pelo menos um grande comentarista, Philip Edgecombe Hughes, que traduziria o pequeno s espírito referindo-se à natureza divina de Cristo.

Eu não concordo com isso. Eu concordo com William Lane, meu comentarista favorito de Hebreus, e quase todo mundo, que deveria ser S maiúsculo. Então, estou reconhecendo exegese diferente aqui, mas o significado é que Cristo se ofereceu a Deus. Somente Cristo morreu, mas foi por meio do Espírito Santo.

O Espírito Santo está envolvido na expiação de Cristo. É o único versículo que conheço na Bíblia que diz isso assim. Ou seja, a obra de Cristo é a obra de Cristo.

Mas também é porque as pessoas são inseparáveis, a obra do Pai. E é através do espírito que Cristo se ofereceu a Deus, e então William Lane, em seu comentário aos Hebreus, diz que isso significa que esse sacrifício é absoluto. É o fim de todos os sacrifícios.

Na verdade, ele dá sua eficácia a sacrifícios feitos centenas de anos antes deste sacrifício. É absoluto. Foi feito pelo Deus-homem à vontade do Pai por meio de Deus, o Espírito Santo.

Assim, torna-se o trabalho, em certo sentido, da Trindade. Acho que deveríamos encerrar. Depois de um pequeno intervalo, viremos, trataremos e, na próxima hora, começaremos com a doutrina dos dois estados e, então, passaremos para os três ofícios de Cristo.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre a obra salvadora de Cristo. Esta é a sessão 5, Introdução, Parte 5, História da Doutrina e Cristologia.